



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DA PARAÍBA
DESIGN GRÁFICO**

RITA DE LOURDES SOUZA DE ARAÚJO ALMEIDA

Mil Olhares:

A Convergência Artística nas Capas de Jaguaribe Carne

Cabedelo

2024

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DA PARAÍBA
DESIGN GRÁFICO**

MIL OLHARES:

A Convergência Artística nas Capas de Jaguaribe Carne

Artigo Científico apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, como requisito obrigatório na disciplina Metodologia Científica do curso superior em Design Gráfico. Orientador(a): Ms. Anália Adriana da Silva Ferreira

Cabedelo
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

A447m Almeida, Rita de Lourdes Souza de Araújo.
Mil Olhares: A convergência artística nas capas de Jaguaribe Carne / Rita de Lourdes Souza de Araújo
Almeida – Cabedelo, 2024.
24 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Superior de Tecnologia em Design Gráfico) – Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB.

Orientadora: Profa. Ma. Anália Adriana da Silva Ferreira.

1. Análise gráfica. 2. Memória gráfica. 3. Guerrilha cultural. I. Título.

CDU 655.28



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

RITA DE LOURDES SOUZA DE ARAÚJO ALMEIDA

Mil Olhares: A Convergência Artística nas Capas de Jaguaribe Carne

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de tecnólogo(a) em Design Gráfico, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Cabedelo.

Aprovada em 09 de setembro de 2024

Membros da Banca Examinadora:

Profa. Me. Analia Adriana da Silva Ferreira

IFPB Campus Cabedelo

Profa. Me. Luciana Mendonca Dinoa Pereira

IFPB Campus Cabedelo

Profa. Dra. Fabianne Azevedo dos Santos

IFPB Campus Cabedelo

Cabedelo-PB/2024

Documento assinado eletronicamente por:

- **Analia Adriana da Silva Ferreira**, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO, em 30/09/2024 17:15:44.
- **Fabianne Azevedo dos Santos**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 30/09/2024 17:35:57.
- **Luciana Mendonca Dinoa Pereira**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 30/09/2024 19:42:39.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 28/09/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código 611477

Verificador: 12ef6089b1

Código de Autenticação:



Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Cambinha, CABEDELLO / PB, CEP 58103-772
<http://ifpb.edu.br> - (83) 3248-5400

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, aos meus guias espirituais e aos orixás, que, com infinita sabedoria e axé, me conduziram e ampararam ao longo desta jornada de aprendizado, superação e crescimento. Minha profunda gratidão se estende à minha orientadora, Anália Adriana da Silva Ferreira, cuja excelência profissional e dedicação ímpar acolheram este tema que tanto me fascina, proporcionando contribuições inestimáveis para a concretização dessa pesquisa.

Aos meus queridos familiares, Joyce (minha mãe), Ângela (minha avó) e Caetano (meu avô), expressei meu mais sincero agradecimento pelo amor incondicional e pelo apoio constante que sempre me ofereceram. Ao meu amado namorado, Paulo, que compartilhou de cada vitória e desafio com entusiasmo e carinho, deixo meu mais profundo agradecimento, repleto de amor e axé.

Professores do curso de Design Gráfico, cuja formação excepcional foi fundamental para que eu chegasse até aqui, registro meu mais profundo reconhecimento. Aos amigos, e em especial à minha melhor amiga e irmã, Ana Mel, que não só é uma das minhas maiores inspirações no design gráfico, mas também na vida, manifesto meu carinho e gratidão por todo apoio incondicional.

De forma especial, agradeço à Laryssa Farias, que me apresentou ao grupo Jaguaribe Carne e me proporcionou uma nova fonte de encantamento diário, além de me auxiliar na fotografia de todas as obras. Um salve ao Coletivo do 403, a Felipe Truta e Gabriel VS o Mundo, amigos e grandes inspirações, cuja amizade e apoio foram cruciais ao longo desta trajetória.

Não poderia deixar de expressar minha imensa gratidão ao Jaguaribe Carne, aos irmãos Paulo Ró e Pedro Osmar, cujo trabalho ímpar enriqueceu a cultura de minha querida João Pessoa e inspirou tantas gerações através de sua arte. Minha profunda gratidão também é dirigida ao artista plástico e curador Diógenes Chaves, cuja generosidade em compartilhar seu acervo pessoal e tornar acessível um patrimônio artístico inestimável foi essencial para este projeto.

A todos os colegas de trabalho, que me apoiaram com firmeza durante a conclusão desta pesquisa, e a todos os amigos não mencionados, meu mais sincero obrigado. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo, foi fundamental para que eu pudesse alcançar este momento de realização. Axé!

SUMÁRIO

1.0 Introdução.....	9
2.0 Formação da Banda	9
2.1 Guerrilha Cultural	11
2.2 O Início do Design das Capas de Discos no Brasil	12
3.0 Metodologia.....	12
4.0 Resultados	13
5.0 Conclusão.....	27

Mil Olhares: A Convergência Artística nas Capas de Jaguaribe Carne

Rita de Lourdes Souza de Araújo Almeida¹

Resumo

Este artigo analisa a trajetória da banda Jaguaribe Carne, destacando suas influências culturais, a resistência ao conservadorismo musical e o inovador projeto das mil capas. Além de apresentar o cenário cultural em que está inserida, o foco deste estudo é o projeto gráfico do álbum *Jaguaribe Carne* (1993), cuja tiragem de 1.000 exemplares possui uma capa distinta para cada unidade. Fundada em 1974 na cidade de João Pessoa, a banda se tornou um símbolo de resistência e renovação da cultura popular paraibana. Utilizando pesquisa bibliográfica, relatos e entrevistas, este trabalho explora a concepção e execução do projeto “disco das 1.000 capas” e apresenta um registro de 84 dessas capas. Conhecida por seu “movimento de contracultura” e “arte de vanguarda”, Jaguaribe Carne representa uma inovadora e surpreendente contribuição cultural, sem precedentes na história da Paraíba. Este estudo investiga, de maneira bibliográfica e descritiva, a importância dessas obras para a memória gráfica do design. As capas revelam diversas influências e estilos que marcaram a trajetória do grupo, tornando cada cópia do álbum uma obra de arte única. O levantamento das capas selecionadas visa não apenas ilustrar o impacto estético do projeto, mas também contextualizar sua relevância dentro do movimento cultural da época, que desafiava normas tradicionais e promovia a inovação. A contribuição de Jaguaribe Carne para a arte e cultura paraibana vai além da música, reafirmando seu papel como catalisador de mudanças sociais e culturais.

Palavras-chaves: Capas Vinil; Guerrilha Cultural; Jaguaribe Carne; Memória Gráfica.

Thousand Looks: The Artistic Convergence in the Covers of Jaguaribe Carne

Abstract

This article analyzes the trajectory of the band Jaguaribe Carne, highlighting its cultural influences, resistance to musical conservatism and the innovative thousand covers project. In addition to presenting the cultural scenario in which it is located, the focus of this study is the graphic design of the album *Jaguaribe Carne* (1993), whose circulation of 1,000 copies has a different cover for each unit. Founded in 1974 in the city of João Pessoa, the band became a symbol of resistance and renewal of popular culture in Paraíba. Using bibliographic research, reports and interviews, this work explores the conception and execution of the “disc of 1,000 covers” project and presents a record of 84 of these covers. Known for its “counterculture movement” and “avant-garde art”, Jaguaribe Carne represents an innovative and surprising cultural contribution, unprecedented in the history of Paraíba. This study investigates, in a bibliographic and descriptive way, the importance of these works for the graphic memory of design. The covers reveal several influences and styles that marked the group's trajectory, making each copy of the album a unique work of art. The survey of selected covers aims not only to illustrate the aesthetic impact of the project, but also to contextualize its relevance within the cultural movement of the time, which challenged traditional norms and promoted innovation. Jaguaribe Carne's contribution to Paraíba's art and culture goes beyond music, reaffirming its role as a catalyst for social and cultural change.

Keywords: Vinyl Covers; Jaguaribe Carne; Cultural Guerrilla; graphics memory.

¹rita.lourdes@academico.ifpb.edu.br. Departamento Ciência e Tecnologia, Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB), Brasil.

Introdução

Em 1993, a indústria fonográfica brasileira vivenciou uma transformação significativa com o crescimento do mercado de Compact Discs (CDs), que ultrapassou o de *Long Plays* (LPs) pela primeira vez, sinalizando um ponto de inflexão na história musical nacional (Vicente, 2014, p. 147). O CD não apenas reavivou o interesse do público em artistas consagrados, mas também ofereceu uma estratégia lucrativa para as gravadoras ao permitir o relançamento de álbuns em formato digital. Este fenômeno, refletido na reedição de obras de renomados músicos da MPB, como Chico Buarque e Gal Costa, marcou uma fase de revitalização e inovação na indústria fonográfica (Vicente, 2014).

De maneira análoga ao que havia ocorrido nos países centrais uma década antes, pode-se afirmar que o *Compact Disco* foi um dos principais responsáveis pela superação da crise que afetava a indústria fonográfica. A introdução do CD possibilitou não apenas o relançamento de grande parte do catálogo das principais gravadoras, uma estratégia de baixo custo e alta lucratividade, como também revitalizou o interesse do público em artistas consagrados da música popular brasileira (MPB).

A MPB, em particular, foi significativamente beneficiada por esse processo. Em 1993, por exemplo, entre os discos anteriormente indisponíveis em vinil e que foram relançados em CD, destacavam-se 18 álbuns de Chico Buarque, 15 de Gal Costa, 11 de Jorge Ben Jor e 11 de Elba Ramalho, entre outros (Vicente, 2014, p. 147). Paralelamente a esse movimento de transição para o formato digital, o ano de 1993 também foi marcado por uma ruptura emblemática na indústria fonográfica, promovida pelo grupo Jaguaribe Carne. Formado pelos irmãos e músicos paraibanos Pedro Osmar e Paulo Ró, este grupo lançou um projeto inovador, totalmente focado no formato LP, desafiando as tendências predominantes da época.

O disco "Jaguaribe Carne Instrumental", lançado nesse contexto, destacou-se por sua estética ousada e disruptiva. A inovação do projeto não se restringiu apenas ao formato fonográfico, mas se estendeu ao design gráfico, com cada um dos 1.000 discos lançados possuindo uma capa distinta, o que rompia com os padrões estabelecidos e apresentava uma rica diversidade de detalhes visuais. Essa abordagem inovadora no design gráfico refletia uma verdadeira "guerrilha cultural", ao desafiar as convenções estéticas e comerciais da indústria fonográfica, promovendo uma revolução no modo como as capas de discos eram concebidas e percebidas.

Este estudo é motivado pela necessidade de explorar o impacto do projeto gráfico da banda Jaguaribe Carne, que se destaca como um exemplo raro e inovador de como a arte visual pode desafiar e redefinir normas estabelecidas na indústria fonográfica. Em um período dominado pela transição para o CD, a abordagem radical da banda ao design de capas representa uma forma de "guerrilha cultural", refletindo uma resistência criativa e uma reinvenção estética que merece uma análise detalhada.

Nas próximas seções, este trabalho será estruturado da seguinte forma: inicialmente, será analisado sobre a formação da banda Jaguaribe Carne, explorando suas raízes e a relevância de sua proposta artística para o cenário paraibano. No subtópico, será abordado sobre Guerrilha Cultural, em um contexto de resistência cultural e apropriação da temática da guerrilha, será discutido a influência do bairro Jaguaribe em João Pessoa, Paraíba, como núcleo criativo. O próximo segmento, o início do design das capas de discos no Brasil, aborda sobre as transformações que ocorreram com a chegada do movimento tropicalista, destacando artistas que redefiniu o papel das capas de discos como uma extensão visual da música. Por fim, será analisado os resultados com base em uma pesquisa bibliográfica e análise das capas de discos que permitirá uma compreensão sobre a influência e inovação visual desse período, ainda mais, como as capas desafiaram as normas estéticas e contribuíram para a evolução do design gráfico no país.

Formação da Banda

Na década de 1970, especialmente entre 1970 e 1974, diversos festivais ocorreram na Paraíba, com destaque para a participação ativa do músico e artista gráfico Pedro Osmar. Foi nesse contexto que, em 1974, Osmar formou um grupo musical que contava com Paulo Batera na bateria, Baby no contrabaixo, Fernando Pintassilgo na flauta e seu irmão Paulo Ró. Segundo Severo (2013), o festival

que marcou o surgimento da banda Jaguaribe Carne foi promovido pelo Grêmio do Liceu Paraibano e realizado no ginásio do Sesc-Centro em João Pessoa. Inicialmente conhecida como "Tom de Feira", a banda remetia às tradições populares regionais e nacionais.

A experiência de Osmar nesse festival e a evolução de sua visão musical foram decisivas. Como ele próprio afirmou em uma entrevista para o documentário *Jaguaribe Carne: Alimento da Guerrilha Cultural* (2013), “foi uma ocasião interessante [...] realizamos uma performance que, de certa forma, definiu a essência daquele grupo, mais tarde denominado Jaguaribe Carne. Foi uma abordagem meio rebelde, desafiando as convenções estéticas tradicionais”. Em relação ao processo criativo e de gravação do grupo, Paulo Ró declarou no mesmo documentário:

Então, quando a gente queria fazer alguma coisa, a gente ia lá para casa de Duda, e dona Madalena, que era mãe de Duda (morador do bairro Jaguaribe), gostava muito de Pedro, né? Ela deveria gostar muito, porque o barulho que a gente fazia na casa dela não era brincadeira, não. A gente chegava no quintal da casa dela e juntava um monte de lata e saía jogando tudo para cima e gravava, e fazia zoada e batia para lá e corria, fazia um amontoado de lata e batia para cair tudinho, e a gente ia gravando toda essa sonoridade. (Ró, 2013).

A proposta musical da banda emerge de um berço rico em diversas manifestações sonoras, trazendo à tona a inovação e delineando uma linha evolutiva distinta das produções convencionais. De imediato, essa proposta se identifica com as práticas da contracultura. Subiam ao palco sem um repertório pré-definido, e suas apresentações eram caracterizadas pelo improvisado e pela imprevisibilidade.

É nesse festival que eu já vou mal-intencionado, já naquela mentalidade de negar coisas óbvias e repetitivas das rádios e partir para outras coisas para abrir outras portas e caminhar outros caminhos (a cidade vivia um conformismo arrasador). E o que eu fiz? Já sabia que não podia esculhambar o festival; eu esculhambei a minha própria música no palco. De quebra, ainda joguei cadeiras e garrafas palco abaixo. Sem querer querendo, ou sem saber, sabendo, as formas de rebeldia e revolta política apareciam em toda parte contra o que fosse de mentalidade conservadora e comportamento atrasado, nas províncias ou metrópoles. (Osmar, 2005).

A partir desse evento, o grupo se consolidou e iniciou uma série de shows e apresentações nos eventos estudantis da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Com a formação incluindo Paulo Ró, Vandinho de Carvalho e Pedro Osmar, a banda se firmou no cenário musical paraibano, com suas apresentações ganhando relevância crescente em comparação aos festivais musicais da época. O rio que inspirou o nome da banda e do bairro transbordou, trazendo consigo uma expansão para novas áreas da arte.

Essa transformação não se limitou ao cenário musical. De acordo com Egypto Diogo (2015, p. 13), a banda não se restringiu à produção artística em suas diversas formas — música, poesia, artes plásticas, e teatro — mas também se envolveu ativamente em projetos culturais, sociais e educacionais, como o Musiclube da Paraíba, o Movimento dos Escritores Independentes (MEI) e o projeto Fala Bairros. A atuação do grupo foi além da capital paraibana, estendendo-se desde cedo para os municípios da Grande João Pessoa (como Bayeux, Santa Rita e Cabedelo) e cidades vizinhas como Campina Grande, Recife e Natal. Classificada como arte de vanguarda e frequentemente descrita como um movimento de contracultura ou até “antimúsica”, Jaguaribe Carne representa um fenômeno cultural sem precedentes na história contemporânea da Paraíba.

Na figura 1, podemos observar os irmãos Paulo Ró e Pedro Osmar, cresceram imersos nas manifestações culturais populares de rua do bairro de Jaguaribe, que se destacavam por uma ampla variedade de expressões folclóricas. Eles testemunharam e participaram de eventos como o carnaval de rua, onde se viam índios, caboclinhos, orquestras de frevo, escolas de samba, coco de roda e ciranda.



Fonte: Reprodução (Facebook)

Em entrevista ao programa de Rádio *Nossa Gente JAGUARIBE CARNE* (2016), Ró enfatizou como essas experiências influenciaram a formação cultural da banda:

Nós crescemos no bairro de Jaguaribe ouvindo e participando de manifestações culturais populares de rua. Em Jaguaribe existiam muitas manifestações folclóricas, carnaval de rua, sabe? Os índios, caboclinhos, orquestra de frevo, escola de samba, coco de roda, ciranda, enfim, é assim. Essa coisa estava entranhada dentro da gente, né? Porque a gente cresceu vendo e ouvindo, vivenciamos essa coisa da música tradicional.

Além disso, os membros da banda vivenciaram o carnaval comunitário, onde existiam grupos como "Piratas do Jaguaribe", que contribuíram para a rica tapeçaria cultural do bairro. A cultura vibrante de Jaguaribe, portanto, não apenas moldou a identidade de seus moradores, mas também desempenhou um papel fundamental na resistência cultural e na promoção de uma guerrilha cultural que desafia as convenções e busca novas formas de expressão artística.

Guerrilha Cultural

O termo "guerrilheiro" é frequentemente associado aos indivíduos que resistiram à ditadura militar no Brasil, lutando nas florestas e enfrentando as adversidades da vida na mata. No entanto, a banda Jaguaribe Carne apropriou-se dessa terminologia para descrever as dificuldades que enfrentaram na divulgação de sua música, que muitas vezes não era bem recebida pelo público em geral. Em uma entrevista ao blog *Moderna Parahyba* (2013), mantido por estudantes de jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paulo Ró, um dos membros do grupo, esclareceu essa analogia:

Guerrilheiro é aquela pessoa que ficava lutando contra a ditadura, dentro da mata, com todas as dificuldades que se possa passar uma pessoa que vive dentro da mata. Os guerrilheiros faziam isso. A gente assumiu essa terminologia porque o que a gente fazia era muito difícil; era música que ninguém queria ouvir, letras que ninguém queria saber. Então, esse negócio da guerrilha é por causa da dificuldade que tínhamos com relação ao quebrar portas. [...] A guerrilha cultural é isso: a gente não vai pelo lugar mais fácil, a gente vai por dentro do mato, tentando resolver as coisas que ninguém quer resolver, ninguém quer saber.

O "berço" da temática da Guerrilha Cultural nasce no bairro de Jaguaribe, que possui uma rica tradição cultural. Os moradores desta região estabelecem uma relação profunda de pertencimento e cultivam uma identidade genuína, enraizada nas práticas culturais locais. Grande parte das interações sociais e culturais ocorreram em Jaguaribe na década de 70-80, promovendo um espaço fértil para o desenvolvimento de manifestações artísticas autênticas.

2.3 O Início do Design das Capas de Discos no Brasil

As primeiras capas de discos produzidas no Brasil remontam ao final dos anos 1940, conforme relata Cardoso (2005, p. 309). Esses primeiros exemplares, voltados ao público infantil, foram lançados pela gravadora Continental. Com o advento da década de 1950, o mercado fonográfico brasileiro passou por uma notável expansão, consolidando um público fiel e demandando uma estética mais refinada para as capas dos novos lançamentos.

Nesse período, conforme observa Cardoso (2005, p. 317), as capas passaram a exigir maior cuidado gráfico, incluindo fotografias dos artistas. Esse movimento deu origem a uma nova dupla de profissionais nas artes gráficas: o fotógrafo e o *layout man*, este último responsável pela composição e diagramação dos elementos visuais das capas, funções que atualmente são reconhecidas como parte do trabalho do designer gráfico.

Na virada da década, com o surgimento da Bossa Nova e de seus primeiros intérpretes, as capas de discos novamente passaram por uma transformação significativa. Segundo Cardoso (2005, p. 328), essas capas eram diretamente influenciadas pelos discos de jazz das gravadoras Blue Note e Verve, caracterizando-se pelo uso de retângulos contendo fotos coloridas em *duotones* e grandes *letterings* em tipos sem serifa. Houve, ainda, uma segunda abordagem revolucionária, marcada pela representação gráfica da Bossa Nova, com capas de fundo branco, fotos em alto contraste preto e um toque de vermelho, criadas por Cesar G. Villela com fotografias de Francisco Pereira para o selo Elenco, de propriedade de Aloysio de Oliveira.

Com o distanciamento histórico, surgiram novos padrões de capas no Brasil. Segundo Cardoso (2005, p. 336), os discos da Elenco, em tiragens reduzidas, circulavam principalmente pela zona sul do Rio de Janeiro, e a gravadora sobreviveu apenas até 1967. De modo geral, as capas não contavam com um projeto gráfico integrado que incluísse a contracapa. Os artistas não demonstravam grande preocupação com as capas de seus discos, uma vez que essa tarefa era atribuída exclusivamente às gravadoras. O envolvimento dos músicos restringia-se à gravação do disco, sendo frequentemente necessário buscar os artistas para sessões fotográficas. Essa realidade começou a se transformar a partir de 1968, com o movimento tropicalista e a contribuição inovadora do designer Rogério Duarte, que criou capas icônicas para artistas como Caetano Veloso e Gilberto Gil. Esse período marcou o início de uma nova era para o design de capas de discos no Brasil.

Foram selecionadas três imagens do livro *A Capa de Disco no Brasil: Os Primeiros Anos*, de autoria de Egeu Laus, designer e ex-diretor de arte da gravadora EMI Music, no Rio de Janeiro. No referido livro, Laus, que conta com uma trajetória de quinze anos atuando nas áreas de música popular e design gráfico, discute a introdução das capas de discos no cenário brasileiro. É possível observar na figura 2

Figura 2 – Primeiros discos no Brasil



Fonte: *A Capa de Disco no Brasil: Os Primeiros Anos* (1998)

Metodologia

A metodologia de pesquisa adotada neste estudo é fundamentada na análise de memória gráfica, conforme delineado por Reis e Cunha Lima (2015, p. 250). Eles destacam a importância de investigar a relação afetiva que os indivíduos desenvolvem com as capas de discos, uma relação mediada pelas

memórias evocadas pelos projetos gráficos e pelo conteúdo fonográfico das obras. O procedimento metodológico envolverá a coleta e análise detalhada de materiais gráficos das capas de discos, correlacionando essas análises com dados obtidos por meio de entrevistas, pesquisas bibliográficas e uma abordagem qualitativa. Essa abordagem permitirá uma compreensão aprofundada das interações entre design gráfico e experiência musical, bem como o impacto das capas na memória cultural dos envolvidos.

Resultados

Em 18 de março de 2024, Pedro Osmar, Paulo Ró e o curador de arte Diógenes Chaves estiveram presentes no Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB), ocasião em que participei de um encontro enriquecedor sobre um projeto artístico inovador de 1993: o lançamento do primeiro disco em LP, *Jaguaribe Instrumental*, com mil capas diferentes. Inicialmente, essa ideia partiu de Pedro Osmar, reconhecido designer gráfico no estado, com uma trajetória consolidada no mercado, tendo trabalhado na criação de logotipos de grandes empresas como Manaíra Shopping, Cerâmica Elizabeth (1ª versão) e CECAD, podemos observar a figura 2.

Figura 3 - Logos feitas por Pedro Osmar



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

A proposta do projeto consistiu na criação de mil capas de vinil, cada uma desenvolvida por diferentes artistas, incluindo plásticos, poetas, músicos, crianças e membros da comunidade, resultando em obras únicas para cada cópia do disco. Curiosamente, os artistas não tiveram acesso prévio às músicas nem um briefing sobre o projeto, conforme destacado por Paulo Ró. Isso reforça a natureza independente e inovadora da iniciativa, desafiando as normas da indústria fonográfica da época, que havia abandonado o lançamento de discos de vinil.

Cada capa foi individualmente modificada por seus respectivos autores, empregando uma ampla gama de técnicas e estilos para questionar as convenções tradicionais da indústria fonográfica em relação a capas e embalagens de discos. Oficinas foram realizadas em Jaguaribe, Mangabeira, Lucena, Natal e no ateliê Casa Velha, envolvendo crianças e diversos colaboradores. Segundo George Glauber (2013, p. 133), Diógenes Chaves apresentou uma capa com fundo branco e a logomarca do grupo, concebida com a ideia de colagens. As capas foram distribuídas aos colaboradores em João Pessoa, Campina Grande, Lucena, Natal e Recife para que realizassem intervenções artísticas diversas.

A ficha técnica do projeto revela a participação dos irmãos Pedro Osmar e Paulo Ró, além dos artistas plásticos Oriébir, Martinho Patrício, Josildo Dias, Diógenes Chaves, Unhandeijara Lisboa, Sandoval Fagundes, Rodolfo Athayde, Paulo Bruscky, Falves Silva, Nanã Isabel e os Amiguinhos da escola, como parte do projeto “Fala Jaguaribe”. Este projeto envolveu crianças do bairro em intervenções artísticas, promovendo um novo diálogo sobre o trabalho coletivo na arte, especialmente nas artes plásticas.

Na Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), cada capa recebeu uma manipulação artesanal, conferindo um caráter exclusivo ao disco do Jaguaribe Carne. As técnicas utilizadas incluíram desenho, colagem, pintura, serigrafia, tipografia e action painting².

²

Action painting é um estilo de pintura associado ao expressionismo abstrato, que emergiu nos Estados Unidos durante a década de 1940

Esta abordagem rompeu com a visão convencional de capas e embalagens, resultando em capas que são, ao mesmo tempo, singularmente diferentes entre si. A tipografia do projeto foi desenvolvida por Diógenes Chaves na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), utilizando tipos móveis tradicionais.

Consta que o projeto das capas do álbum "Jaguaribe Instrumental" resultou na produção de mais de mil capas distintas. No dia de apresentação no Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB), Dyogenes Chaves trouxe uma capa que havia sido elaborada para o projeto, mas que, por razões não reveladas, não foi incluída na coleção final. Paulo Ró mencionou que, durante o processo criativo, foram confeccionados outros exemplares que continham pregos e objetos cortantes, os quais também não foram aprovados para a versão definitiva das capas, sendo deixados como rascunhos. Dessa forma, é provável que muitas das capas produzidas nesse contexto não tenham sido amplamente divulgadas ou acessíveis ao público.

Paulo Ró conta, no dia 18, que o projeto não foi concluído de um dia para o outro. Houve um processo que demandou tempo, visto que os artistas colaboradores moravam em outro estado e tinham seus próprios processos criativos, que também exigiam tempo. Nem todas as obras ficaram prontas de imediato.

Após a palestra, foi feito um contato com Diógenes para solicitar acesso ao acervo de capas de discos e verificar a possibilidade de fotografá-las para o presente artigo. Diógenes mostrou-se bastante acessível e gentilmente disponibilizou 46 exemplares de discos de diversos artistas, que foram fotografados individualmente. Além disso, foram pesquisadas imagens e informações adicionais em outras fontes, incluindo a dissertação de mestrado de George Glauber Félix Severo, intitulada *Música Experimental na Performance do Grupo Jaguaribe Carne (Paraíba, 1974-2004)*, e vários sites na internet, ver figura 3.

Figura 4 - Conjunto de capas com formas fluídas retiradas do acervo de Diogenes chaves



Fonte: Autora (2024)

As obras criadas por crianças, possui um traço característico das ilustrações infantis, identifiquei elementos e padrões recorrentes que dialogam de maneira direta com o imaginário infantil, como a presença de animais coloridos, composições abstratas, traços simples, linhas fluidas, cores vibrantes e formas despreziosas. A partir dessa abordagem, torna-se possível captar as nuances e a riqueza simbólico presente em cada criação.

Figura 5 - Conjunto de capas feitas por crianças do acervo de Diogenes Chaves



Fonte: Autora (2024)

Figura 6 - Conjunto de capas com cores vibrantes e formas geométricas do acervo de Diogenes Chaves



Fonte: Autora (2024)

As capas, impregnadas de cores vibrantes, são marcadas por abstrações geométricas e ricas texturas que, em conjunto, criam um efeito visual de grande intensidade. A combinação de formas abstratas e a paleta cromática ousada conferem às capas uma vitalidade que se destaca, proporcionando uma experiência visual que cativa e desperta a curiosidade do observador. Além disso, as que possuem textura acrescentam profundidade e complexidade, resultando em uma composição visualmente rica que transcende o mero decorativo, transformando-se em uma manifestação artística singular e expressiva.

Figura 7 - Conjunto de capas com colagens do acervo de Diogenes Chaves



Fonte: Autora (2024)

As capas apresentam uma fusão artística que combina colagens, notas de cruzeiro e composições geométricas, evidenciando uma texturização meticulosa e rica em detalhes. Essas obras, com sua abordagem multidimensional, integram elementos de naturalismo e formas geométricas abstratas de maneira harmoniosa. A combinação de texturas variadas e a inclusão de elementos monetários, como as notas de cruzeiro, adicionam camadas de significado e complexidade, tornando cada capa uma peça única que oferece múltiplas interpretações artísticas e simbólicas.

Figura 8 - Conjunto de capas com cores quentes do acervo de Diogenes Chaves



Fonte: Autora (2024)

Predomina o uso de cores quentes, que contrastam de forma harmoniosa com fundos majoritariamente compostos por tons de azul, evocativos do céu ou de ambientes aquáticos. Essas nuances conferem uma profundidade visual acentuada pelas pinceladas soltas e expressivas. As cores vibrantes e a espontaneidade dos traços conferem às capas uma sensação palpável de emoção e dinamismo.

Figura 9 - Conjunto de capas de Diogenes Chaves



Fonte: Autora (2024)

Essas são as obras compostas por Diogenes Chaves que possuem uma arte gráfica que gira em torno do conceito de labirintos. Cada capa é dominada por um padrão geométrico intrincado, que remete a labirintos estilizados em cores vibrantes, como laranja, vermelho e amarelo, contrastando com o fundo neutro. Segundo (SEVERO 2013, p. 137) a relações dos labirintos com a música simboliza os vários caminhos empreendidos por Jaguaribe Carne, fugindo da ideia de uma obra linear.

Figura 10 - Conjunto de capas cores vibrantes do acervo de Diogenes Chaves



Fonte: Autora (2024)

As pinceladas amplas e a combinação vibrante de cores intensas, incluindo verdes exuberantes, amarelos vivos e pretos profundos, transmite uma sensação de dinamismo caótico. A energia dos traços sugere um movimento turbulento, evidenciado pelo forte contraste de cores que intensifica a percepção visual e contribui para uma atmosfera de agitação e intensidade.

Figura 11 - Conjunto de capas de salpicos de tinta acervo de Diogenes Chaves



Fonte: Autora (2024)

Há salpicos de tinta e linhas gestuais que adicionam um dinamismo à composição, paleta de cores quentes. A composição é caótica, mas organizada, com detalhes que sugerem uma narrativa ou uma interação entre os elementos visuais.

Figura 12 - Capa por linhas finas acervo de Diogenes Chaves



Fonte: Autora (2024)

A composição é dominada por linhas finas e traços sutis, formam uma cena que parece ser um ambiente rural ou suburbano, com elementos arquitetônicos como casas e árvores. O estilo do desenho é simplificado, quase infantil, mas repleto de detalhes que sugerem uma paisagem.

Figura 13 - Conjunto de capas feitas por Pedro Osmar



Fonte: Severo (2013)

As capas apresentadas utilizam técnicas de colagem e montagem, criando composições visualmente ricas e conceitualmente densas. A incorporação de fotografias, recortes de papel, fragmentos de textos e sobreposições de cores e formas geométricas sugerem um diálogo entre o concreto e o abstrato, o tradicional e o moderno. Segundo Severo (2013, p. 134), as capas acima foram feitas por Pedro Osmar, integrante de Jaguaribe Carne.

Figura 14 - Conjunto de capas feitas por Ricardo Athaide



Fonte: Severo (2013)

O design é ousado e expressivo, destacando o uso de cores primárias, principalmente vermelho e azul, que criam um contraste vibrante e visualmente impactante. As formas geométricas e figuras aparentemente aleatórias, como ossos, rostos estilizados e objetos indefinidos, sugerem uma abordagem experimental e pouco convencional ao design gráfico. De acordo com Severo (2013, p. 135), essas capas foram elaboradas por Ricardo Athaide.

Figura 15 - Conjunto de capas feitas por Marcos Pinto



Fonte: Severo (2013)

Técnicas de pintura que remetem ao *action painting*, uma vertente do expressionismo abstrato. Essas capas são marcadas por respingos e manchas de tinta em tons de amarelo, preto e branco, aplicados de maneira aparentemente aleatória e caótica sobre um fundo de cor neutra. A distribuição das cores e

a energia das pinceladas criam uma sensação de movimento e dinamismo, sugerindo uma “explosão” Por sua vez, as capas foram elaboradas por Marcos Pinto (SEVERO 2013, p. 135).

Figura 16 - Conjunto de capas feitas por Jozildo Dias



Fonte: Severo (2013)

São caracterizadas por uma paleta de cores predominantemente roxa e rosa, com um enfoque em formas orgânicas e abstratas, com cores e formas abstratas. Segundo Severo (2013, p. 133), as capas foram elaboradas por Jozildo Dias, e que o autor simboliza a carne (simbolicamente).

Figura 17 - Conjunto de capas feitas por Chico Ferreira



Fonte: Severo (2013)

As cores utilizadas são intensas e vibrantes, com predominância de tons quentes, como amarelo, laranja e vermelho, que contrastam fortemente com um fundo mais escuro e neutro. As pinceladas soltas e gestuais criam uma sensação de movimento e energia, acentuando a natureza instintiva e crua das figuras representadas, que incluem diversas representações de animais. Segundo Severo (2013, p. 136), essas capas foram elaboradas pelo artista Chico Ferreira.

Figura 18 - Conjunto de capas feitas por Diogenes Chaves



Fonte: Severo (2013)

Capas elaboradas por Diogenes Chaves, autor responsável pelo projeto gráfico do disco, observa-se a recorrência de um padrão labiríntico e mantem seu respectivo significado das obras anteriores

Figura 19 - Conjunto de capas feitas por Oriebir



Fonte: Severo (2013)

As capas apresentam um design abstrato com formas orgânicas, caracterizado por uma composição vibrante em tons de vermelho, laranja e azul. A utilização de cores quentes e formas dinâmicas transmite uma sensação de energia e movimento. Outra abordagem observada é uma composição mais geométrica, onde formas angulares e linhas retas são combinadas de maneira estruturada. As capas foram criadas por Oriebir, que, em uma delas, faz uma referência direta aos piratas de Jaguaribe, retratando um pirata em seu design (SEVERO, 2013, p. 137).

Figura 20 - Capa predominante azul



Fonte: Discogs (www.discogs.com)

Paleta de cores predominantemente em tons de azul. A composição retrata uma cena serena à beira-mar, com uma figura humana caminhando ou tocando violão, direcionada para o horizonte. O céu é ilustrado em camadas de azul, indo do mais claro ao mais escuro, representando o final do dia ou o início da noite, sugerido pela presença de uma lua no canto superior esquerdo.

Figura 21 – Capa estilizada dedo do meio



Fonte: Rateyourmusic

A figura central da imagem é uma mão estilizada, desenhada em tons de preto e branco, onde o dedo médio está em destaque, realizando o gesto universal de desafio ou protesto. No topo deste dedo, foi estrategicamente colocado um curativo, um detalhe que sugere ironia ou uma tentativa de suavizar a intensidade do gesto.

Figura 22 – Capa com anotação



Fonte: Vira Bolacha Discos (facebook)

Ao centro, destacam-se três fragmentos visuais: um pedaço de papel rasgado, um pedaço de papel alumínio que no canto superior esquerdo, uma linha curva e delicada conecta-se aos fragmentos, como se traçasse um caminho ou um fio condutor entre os elementos da arte. A colagem desses elementos sugere um exercício de montagem, em que o uso de materiais simples e orgânicos contrasta com a suavidade e a delicadeza do resto da composição. Ao lado desta linha, encontra-se uma anotação manuscrita em preto, que adiciona um toque pessoal e íntimo à capa. A mensagem escrita parece ser uma dedicatória ou comentário, acrescentando uma dimensão de comunicação direta entre o artista e o público.

Figura 23 – Capa com composição abstrata



Fonte: Taioba discos

A capa exibida apresenta uma composição abstrata, onde cores contrastantes, como azul, marrom, amarelo e creme, se misturam em pinceladas largas e texturizadas sobre um fundo branco. O design remete a uma pintura gestual, com uma expressão de movimento e energia com explosões de cores.

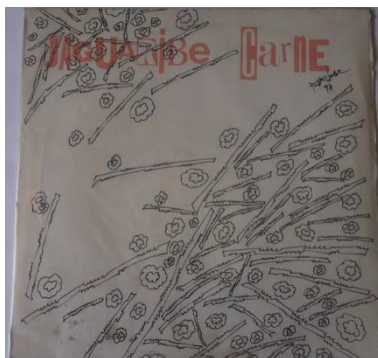
Figura 24 – Capa com formas ovais



Fonte: Discogs

Esta capa apresenta três formas ovais abstratas, dispostas verticalmente no centro da imagem, com uma paleta de cores que varia entre tons de azul e roxo. As texturas dentro das formas sugerem uma qualidade orgânica e fluida, como se fossem impressões ou manchas.

Figura 25 – Capa minimalista



Fonte: Discogs

O design é composto por um fundo de cor clara, sobre o qual se destacam ilustrações lineares de galhos, adornados com pequenas flores. A simplicidade e repetição das linhas e flores criam uma sensação de movimento e naturalidade, remetendo a uma estética minimalista, porém orgânica.

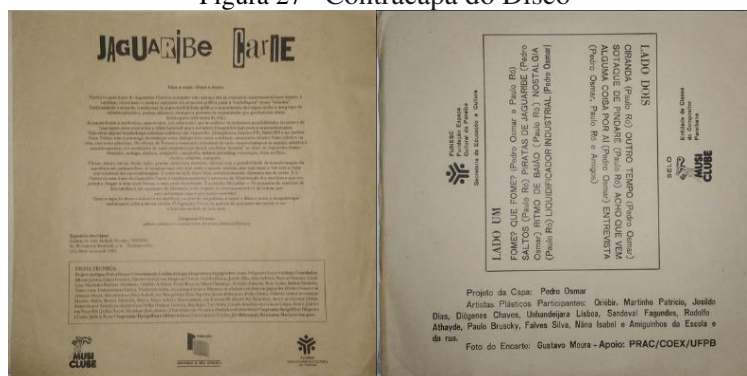
Figura 26 - Vinil



Fonte: Discogs (www.discogs.com)

No centro do vinil, há um rótulo circular de cor clara que contém informações textuais, incluindo o nome do grupo "Jaguaribe Carne", o logotipo do Musiclube e o título do álbum. Segundo Severo (2013, p. 138), o encarte do disco apresenta, em um dos lados, uma "foto clássica" do grupo Jaguaribe Carne, tirada em 1978 pelo fotógrafo Gustavo Moura, que era vizinho dos integrantes. Esta imagem foi usada pela primeira vez na criação do cartaz para o primeiro show oficial do grupo, intitulado "Espados". No verso do encarte, estão duas resenhas: uma escrita pelo jornalista Sílvio Osias e outra pelo técnico de gravação do disco, Odair Salgueiro, que é professor universitário e timpanista da Orquestra Sinfônica da Paraíba. Também é incluída uma fotografia de Pedro Osmar e Paulo Ró tocando violão, as letras das três músicas — duas delas compostas com técnicas de poesia concreta — e a ficha técnica que lista todos os participantes da gravação, acompanhada de agradecimentos e dedicatórias.

Figura 27 - Contracapa do Disco



Fonte: Autora (2024)

A contracapa do disco, desprovida de ilustrações, destaca-se por sua elaboração singular, mantendo um padrão idêntico em todos os exemplares. Ela exhibe apenas as logomarcas da FUNESC, patrocinadora do projeto, e do Musiclube da Paraíba, associação à qual os músicos estavam vinculados, além das siglas PRAC/COEX/PB, referentes ao apoio gráfico. Também estão presentes os nomes das canções e de seus compositores, bem como a ficha técnica que lista os responsáveis pela criação da capa. O aspecto mais marcante dessa contracapa é a disposição dos textos, que exige que o leitor gire o disco continuamente para ler todas as informações. Esse detalhe, possivelmente intencional, reflete o caráter experimental e inovador do disco, destacando a busca por uma experiência estética diferenciada e envolvente.

As capas de discos apresentadas formam um conjunto visualmente rico e diversificado, explorando uma ampla gama de estilos artísticos, desde o abstrato ao figurativo, passando pelo lúdico e pelo expressionismo. Cada obra não serve apenas como embalagem visual, mas como uma extensão da identidade artística da banda "Jaguaribe Carne", que incorpora o espírito de liberdade e contracultura. O uso de elementos pictóricos variados, incluindo colagens, pinceladas expressivas, figuras animais estilizadas e composições geométricas ou orgânicas, demonstra uma abordagem eclética e experimental que desafia as convenções tradicionais de design de capas de disco, criadas por diversas pessoas, cada uma expressando sua bagagem visual. A identidade do grupo se reflete na diversidade dos estilos, enquanto as paletas de cores vibrantes e dinâmicas, com contrastes ousados, captam a atenção e evocam uma sensação de energia e movimento.

Além disso, a repetição do logotipo da banda, apresentado com variações no design tipográfico, sugere uma identidade visual coesa e flexível, adaptando-se ao espírito criativo de cada capa individual. A mudança no padrão, mesmo com uma base pré-impressa comum, é notória na intervenção das cores e posições do logotipo. Essas capas não apenas refletem uma expressão artística única, mas também uma narrativa visual que transcende o papel de mera identificação do álbum, tornando-se uma obra de arte multifacetada e instigante.

O estudo das capas de discos vai além do mero aspecto técnico e de impressão, revelando aspectos profundos da cultura e do consumo visual de sua época. A partir de 1958, os discos de vinil passaram a ser amplamente consumidos, consolidando-se como produtos de extrema relevância na cultura de massa. Muitas capas de discos tornaram-se ícones representativos de suas respectivas épocas, exercendo influência direta sobre a cultura visual contemporânea (REIS; CUNHA LIMA; CUNHA LIMA, 2015, p. 1240). No entanto, o trabalho do grupo Jaguaribe Carne se distanciou radicalmente dessas tendências. Em vez de seguir os padrões estéticos dominantes, o grupo desafiou as normas estabelecidas, criando um projeto visual inovador e ousado para a cena artística e cultural do Brasil. Suas capas de discos, ao invés de se conformarem às modas da época, subverteram expectativas e se destacaram por sua originalidade, marcando um ponto de ruptura com as convenções do período.

Na presente pesquisa, fundamentada na memória gráfica, ressalta-se a importância da valorização dessas obras, que, além de revolucionárias, rompem com a conformidade de seu tempo, expressando uma visão estética e cultural única. Conforme apontam Reis, Cunha Lima e Cunha Lima (2015, p. 1241), "a capa de disco de vinil desempenha um papel significativo na compreensão da cultura material e da identidade nacional". Originalmente, a função primordial da capa era proteger o disco musical, sendo considerada um objeto efêmero com pouca expectativa de preservação. O usuário poderia descartar o envelope, mantendo apenas o plástico protetor do disco. No entanto, gradualmente, as capas de discos de vinil adquiriram a função de representar a identidade visual da obra musical, refletindo o contexto social, econômico e político de sua criação. Como observado por Leschko et al. (2014), essa perspectiva sobre os objetos contribui para a construção de um panorama histórico abrangente a partir dos próprios artefatos.

A Memória Gráfica Brasileira emerge como um campo essencial para a valorização da produção nacional de impressos, buscando recuperar o legado do design brasileiro. É importante destacar que as pesquisas nesse campo não se restringem ao marco histórico da "criação" do design no Brasil, na década de 1960, quando o design começou a ser reconhecido como conceito, profissão e ideologia (CARDOSO, 2005). Este estudo, portanto, posiciona as obras do Jaguaribe Carne como testemunhos culturais que transcendem seu tempo.

5. Conclusão

As informações apresentadas neste trabalho são fundamentadas na visita dos integrantes do grupo Jaguaribe Carne ao Instituto Federal de Educação da Paraíba, ocorrida em 18 de março de 2024, além de vasta pesquisa bibliográfica. No encontro, os depoimentos dos irmãos Pedro Osmar e Paulo Ró, junto ao artista plástico Diógenes Chaves, proporcionaram uma análise aprofundada de suas obras gráficas. Esta análise, sob a perspectiva do design gráfico, permitiu uma reflexão crítica sobre o impacto cultural e artístico das produções do grupo, tanto na época quanto na atualidade. Dando ênfase ao projeto das mil capas "Jaguaribe Carne Instrumental" que foram coletadas 84 capas para o presente projeto.

A interação com os autores e as leituras realizadas durante o evento enriqueceram a pesquisa bibliográfica existente, que inclui relatos, documentários e entrevistas. O estudo do grupo Jaguaribe Carne abrange diversos campos das ciências sociais e humanas, com um foco particular na contribuição visual e artística do grupo. Projetos como "Fala Jaguaribe" e "Amiguinhos da Escola", que integraram vários artistas locais, são exemplos notáveis dessa contribuição cultural.

Em 2024, ao celebrar cinco décadas de atuação, o grupo Jaguaribe Carne reafirma sua posição como vetor inovador estético e musical em João Pessoa. A declaração de Paulo Ró, durante o encontro no IFPB Cabedelo, "Se antes a gente não fazia igual ao que todo mundo faz, hoje mesmo é que a gente não faz", encapsula a postura desafiadora do grupo. A fusão de elementos aleatórios com a canção popular e a criação de capas de discos em um período dominado por CDs demonstram a capacidade do grupo de quebrar convenções e representar uma verdadeira guerrilha cultural.

A importância do grupo Jaguaribe Carne para o design gráfico é inegável. Suas capas de discos são visualmente ricas e diversificadas, servindo como extensões da identidade artística da banda e subvertendo as tendências de design da época. Este trabalho inovador e audacioso representa um legado significativo para a cultura e a educação visual, destacando como a arte pode transformar a sociedade.

É fundamental que os estudantes da área de comunicação visual e o público em geral reconheçam o impacto e a relevância do grupo. Sua ousadia e a inovação continuam a influenciar artistas locais como A Quadrilha, Cabruêra e Escurinho, para citar alguns nomes do cenário atual já declarados inspirados pelo grupo. O estudo das obras neste projeto inovador, ousado e experimental, é essencial para entender a transformação social e cultural promovida pelo Jaguaribe Carne com alicerce no design gráfico em sua realização, reafirmando seu valor como ferramenta de mudança e expressão artística.

Referências

CARDOSO, Rafael. **O design brasileiro antes do design**. Pág.336. São Paulo: Cosac e Naify, 2005.

CHAVES, D. *Pedro Osmar*: Obra Gráfica. João Pessoa: Galeria Archidy Picado, Funesc, 2001.

EGYPTO, Diogo José Freitas do. **“Não é a antimúsica, é a música em movimento!”: uma história do grupo Jaguaribe Carne De Estudos (Paraíba, 1974-2004)**. 2015. 217 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

FUREZI, Fabia. *Jaguaribe Carne: alimento da guerrilha cultural*. Direção: *Marcelo Garcia*. BRA: GASOLINA FILMES, 2013. 29 min. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zbREhuB-Zow&t=515s> .

Jaguaribe Carne – Jaguaribe Carne Instrumental. In: **MEDIUM**: Discogs. Disponível em: [Jaguaribe Carne - Jaguaribe Carne Instrumental | Releases | Discogs](#). Acesso em: 20 Jul.2024

Jaguaribe Carne Instrumental. In: **MEDIUM**: Rateyourmusic. Disponível em: [Jaguaribe Carne Instrumental by Jaguaribe Carne \(Album, Avant-Folk\): Reviews, Ratings, Credits, Song list - Rate Your Music](#). Acesso em: 20 Jul.2024

Jaguaribe Carne Instrumental - ao vivo. In: **MEDIUM**: Immub. Disponível em: [LP JAGUARIBE CARNE INSTRUMENTAL - AO VIVO \(immub.org\)](#). Acesso em: 20 Jul.2024

Jaguaribe Carne - Jaguaribe Carne Instrumental (LP). In: **MEDIUM**: Taiobadiscos. Disponível em: [Jaguaribe Carne Jaguaribe Carne Instrumental Vinil LP – Taioba Discos](#). Acesso em: 20 Jul.2024

LAUS, Egeu. A capa de disco no Brasil: os primeiros anos. ARCOS VOLUME 1, 1998

LESCHKO, Nadia. Et al. **Memória Gráfica Brasileira**: notícias de um campo em construção. In: Anais do 11o Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2014, Gramado. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. v. 1, n. 4, p. 791-803, Agosto, 2024

NOSSA GENTE. **João Pessoa**: TV CÂMARA de JOÃO PESSOA, 16 ago. 2016. 31.24 min. Programa de Rádio.

OSMAR, Pedro. **Músicalia**, João Pessoa, 2005. pg 35. Livro não publicado (Documento)

PAULO RÓ: A Loucura Lúcida de um Movimento da Década de 70. In: **MEDIUM**: Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Disponível em: moderna-parahyba. Acesso em: 20 Jul.2024


REIS, Shayenne Resende; CUNHA LIMA, Edna L; Oliveira. CUNHA LIMA Guilherme **Memória Gráfica Brasileira** – Da memória ao efêmero: o caso das capas de discos de vinil. 2015

SEVERO, George Glauber Félix. **Música experimental na performance do grupo Jaguaribe Carne (Paraíba, 1974-2004)**. 2013. 217 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

Tom Zé e Jaguaribe Carne trazem show vanguardista ao Teatro de Arena. In: **AUNIAO**: Av. Chesf - Distrito Industrial, 451. João Pessoa. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/tom-ze-e-jaguaribe-carne-trazem-show-vanguardista-ao-palco-do-teatro-de-arena-1/jaguaribe-carne.jpg/view . Acesso em: 04 Ago.2024.

VICENTE, Eduardo. **Da Vitrola ao iPod**: uma história da indústria fonográfica no Brasil. São Paulo: Alameda, 2014.

Vira bolacha Discos. In: **MEDIUM**: Facebook. Disponível em: [Jaguaribe Carne Instrumental é o... - Vira Bolacha Discos | Facebook](#). Acesso em: 20 Jul.2024.

	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
	Campus Cabedelo - Código INEP: 25282921
	Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Cambinha, CEP 58103-772, Cabedelo (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0010-66 - Telefone: (83) 3248.5400

Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

Mil Olhares - Rita, com ficha catalogafica e folha de aprovação

Assunto:	Mil Olhares - Rita, com ficha catalogafica e folha de aprovação
Assinado por:	Rita Almeida
Tipo do Documento:	Anexo
Situação:	Finalizado
Nível de Acesso:	Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência:	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Rita de Lourdes Souza de Araújo Almeida, DISCENTE (202127010032) DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO - CABEDELLO**, em 08/11/2024 10:46:38.

Este documento foi armazenado no SUAP em 08/11/2024. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1305312

Código de Autenticação: d13f46e359

